

## A ROSA

Nancy I. Pamerleau

Quando eu era pequena e usava rabo-de-cavalo, entrei em uma dessas antigas lojas de artigos de pechincha, com soalho range e cheirando a pipoca e doces baratos. Eu estava à procura de um presente para o Dia as Mães. Depois de examinar cuidadosamente os artigos que minha pequena mesada podia comprar, escolhi uma rosa vermelha de plástico. Escondi-a em meu quarto, compus um poema para a data especial e entreguei o presente à minha mãe.

Depois da morte dela, encontrei a rosa, já desbotada e empoeirada, mas ainda no vaso de cristal sobre uma bandeja de prata. Foi somente naquela época que me dei conta do quanto a rosa significava para ela. Mamãe a guardou por 30 anos. O Natal que se seguiu à morte dela foi muito triste. Não havia mais a tradicional ceia familiar preparada por ela, a mesa farta decorada com motivos natalinos, e seu amor generoso, principalmente com os netos.

Para consolar-me, meu marido comprou vários presentes especiais que estavam um pouco acima de nossas posses. Depois de abrir todos, eu continuava muito triste. De repente, vi o presente oferecido por meu filho de seis anos.

– Eu escolhi este presente sozinho, mamãe – ele disse com orgulho, estendendo o braço para entregar-me.

Dei um largo sorriso e senti um enorme conforto ao aceitar aquele tesouro. Um anjo devia ter sussurrado ao ouvido de meu filho quando ele fez aquela escolha. Era uma rosa vermelha artificial.